

# O Ateneu e o ocaso da monarquia brasileira: literatura e militância política em Raul Pompéia

Rubens Arantes Correa\*

O artigo pretende fazer uma leitura de O Ateneu de Raul Pompéia, obra publicada originalmente em 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil, estabelecendo relações entre a trama ficcional e os fatos políticos marcantes do final do Império. A hipótese sugerida é a de que no romance, o autor revela por meio de seus personagens suas concepções de política e de sociedade, realizando uma crítica ácida ao regime monárquico ao qual atribuí todos os males que país atravessava naquela conjuntura histórica.

**Palavras-chave:** Política. Literatura. República. Monarquia. Intelectual

## 1. Introdução:

Não é de hoje que o diálogo entre história e literatura tem ocupado a atenção tanto dos profissionais que militam no campo da teoria literária como da corporação de historiadores. Desse diálogo surge uma série de questionamentos que em síntese podem ser sintetizados nas seguintes interrogações: o texto literário pode ser tomado como um documento entendendo este no sentido que o historiador o toma? Não estando a literatura

---

\* Mestre em Ciências Sociais pela UFSCar e doutorando em História pela FCHS/UNESP - Franca. rubens-arantes@netsite.com.br

The article intends to do a reading of *The Athenaeum* of Raul Pompeii, a work originally published in 1888, the year of the abolition of slavery in Brazil, establishing relationships between fictional plot and political events marked the end of the Empire. The hypothesis is suggested that the novel, the

author reveals his characters through their conceptions of politics and society, performing a withering critique of the monarchy which attribute dall the evils that country was going through at that historical juncture.

**Keywords:** Politics, Literature, Republic, Monarchy, Intellectual.

---

comprometida com a “verdade dos fatos” pode ela ser tomada como um retrato de uma dada realidade em termos temporais e espaciais?

A retomada da narrativa proposta pela geração de historiadores da Nova História colocou em questionamento os paradigmas até então dominantes que colocavam em trincheiras opostas a literatura entendida como uma manifestação puramente estética e ficcional e a história tratada como uma ciência objetiva. Prevaleceu, portanto, até muito recentemente o paradigma literatura/verossímil/ficção, de um lado, história/verdade/real, do outro. A retomada da narrativa, contudo, quebra essa dicotomia na medida em que nos leva a pensar a obra literária e historiográfica, e o papel do escritor e do historiador a partir de uma outra perspectiva.

Tomando como referência as idéias sobre a questão de Le Goff, Ricouer, Ginzburg, Gay, Veyne entre outros podemos afirmar que tanto a literatura como a história são formas explicativas da realidade feitas por meio da narrativa. Não se trata de tratá-las separadamente ou em oposição e sim serem tomadas como uma construção social de uma dada realidade inserida num determinado contexto temporal<sup>1</sup>.

Nesse sentido o exercício do escritor se assemelha ao do historiador na medida em que ambos fornecem através de estratégias e ferramentas diferentes

<sup>1</sup> Especialmente LE GOFF, J. História e memória. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990; RICOUER, P. Tempo e Narrativa. Campinas, Papirus, 1994; GAY, P. O estilo da história. São Paulo, Companhia das Letras, 1990; VEYNE, P. Como se escreve a história. Brasília, Editora da UnB, 1982.

representações sobre a vida humana. Enquanto ao escritor cabe a tarefa de criar personagens, tramas e fatos que possam dar um sentido coerente a sua narrativa, ao historiador cabe a busca de documentos e dados que lhe darão respostas às suas perguntas, resultando numa representação possível dos acontecimentos. De tal sorte que poderíamos afirmar que no exercício de ambos está presente a inventividade com a diferença é ao historiador fica reservada uma espécie de “invenção controlada”. Pesavento aponta três elementos para tal invenção: o trabalho das fontes no âmbito dos arquivos; o compromisso do historiador em atingir a “verdade possível” e a arte do convencimento por meio da retórica<sup>2</sup>.

Não se trata de afirmar que historiador está livre da busca da verdade no exercício de seu ofício mas sim reconhecer que o discurso da verdade é uma construção de atores sociais em luta, inclusive, daqueles que se propõe a realizar ciência. Nesse sentido, o texto literário, entendido como discurso e representação, pode contribuir para o conhecimento da realidade temporal, pois, expressa formas de pensar e agir dos indivíduos.

Essas breves considerações iniciais são necessárias na medida em que propomos, neste trabalho, a leitura do romance *O Ateneu* de Raul Pompéia a partir de uma realidade específica: a crise da monarquia no Brasil do final do século 19. O autor parte de reminiscências da infância e juventude para forjar o personagem-narrador Sérgio e por meio desse personagem vai, ao longo da trama, não só expondo suas “saudades” traumatizantes de sua experiência passada em uma escola-internato como, também, descortinando suas concepções políticas e sociais – Raul Pompéia foi um militante republicano e abolicionista desde os tempos de estudante da Faculdade de Direito em São Paulo.

Quando *O Ateneu* veio à luz poucos meses antes da aprovação da Lei Áurea em um contexto de crise vivida pelo Império desde o final da Guerra do Paraguai (1865-1870). A efervescência da propaganda abolicionista e republicana, os conflitos com a Igreja e o Exército, a emergência dos cafeicultores do oeste paulista e as dificuldades em conter os desentendimentos entre liberais e conservadores, culminaram com a queda da monarquia em 1889. Esse é o contexto histórico em que se desenrola a vida e a produção literária de Raul Pompéia que tomou

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, S. J. – “História e literatura: uma velha-nova história”. In: *Nuevo mundo Mundos nuevos*. 2006, pp.1-9.

partido nas lutas políticas de seu tempo, atitude típica dos intelectuais brasileiros daquele final de século 19 e início do século 20.

No contexto das histórias da literatura brasileira, contudo, a leitura apresentada de *O Ateneu*, de um modo geral, é a que procura classificá-lo em escolas literárias e as influências estéticas exercidas sobre o autor. *O Ateneu* é apresentado como uma obra de estilo realista com referências às teorias científicas típicas daquele período histórico – darwinismo, cientificismo, positivismo, determinismo – onde o autor expõe seu drama de infância e juventude (a recorrência ao subtítulo “crônicas de saudades” não seria mera coincidência), vendo-a como uma espécie de auto-biografia projetada no personagem-narrador Sérgio.

Considerando a trajetória intelectual de Raul Pompéia, entretanto, que ao longo de poucos anos de vida (faleceu em 1895 aos 32 anos de idade) envolveu-se apaixonadamente nos movimentos políticos de seu tempo, concluímos que é possível uma leitura de sua obra a partir de outra perspectiva.

## 2. O “Ateneu”: texto, contexto e política:

*O Ateneu - Crônica de Saudades* foi publicado em 1888, inicialmente em forma de folhetim, de março a maio, em *A Gazeta de Notícias* - periódico carioca. Ainda nesse mesmo ano, o livro de Raul Pompéia ganharia a primeira crítica mais bem elaborada, do punho de Araripe Jr., crítico literário renomado que de dezembro de 1888 a fevereiro de 1889, em *Novidades*, publicou uma série de críticas acerca de *O Ateneu*, intitulado-as “*O Ateneu e o romance psicológico*”.

Intelectual militante, tal como a geração de intelectuais da conjuntura histórica da segunda metade do século 19, Araripe Jr. combateu politicamente sob a bandeira do florianismo, se colocando contra o status quo de sua época. Assim como Raul Pompéia, não se limitou à *escrivania*, procurando intervir na vida pública<sup>3</sup>.

O ensaio crítico de Araripe Jr. sobre *O Ateneu* busca desvendar o estilo formal e psicológico da obra. Tal como anuncia o título geral do ensaio, o objetivo

---

<sup>3</sup> ARARIPE JR., T.A. - *Teoria, Crítica e História Literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978, pág. XII.

central é compreender as implicações psicológicas do romance. Crítico agudo e perspicaz, Araripe Jr. identifica na *escrita formal* de Pompéia o ponto original e excelente do livro<sup>4</sup>.

É de se observar, por outro lado, que o crítico e o escritor, por horas, estiveram juntos em demorados encontros, onde o tema principal das palestras era a literatura e o processo de criação da arte literária. O próprio Araripe Jr. vai testemunhar o fato:

sempre nos encontrávamos na Rua do Ouvidor, era certo passarmos juntos o resto do dia. Quantas vezes não sucedia separarmo-nos à meia-noite, depois de sete ou oito horas de ininterrupta conversação sobre assuntos políticos e literários.<sup>5</sup>

O viés de caricaturista é reconhecido por Araripe Jr. como resultado da excessiva preocupação de Pompéia em compreender “o caráter das coisas físicas e morais”, fato que o teria levado a adotar atitudes de indignação, sobretudo, quando se tratava da política. Exercitando a caricatura, Raul Pompéia era capaz de externar seu pensamento e sua finíssima capacidade de “observador de caracteres”. Ilustrativo dessa sua predileção pela caricatura e suas implicações em opiniões políticas é a famosa representação da Paixão de Cristo, lembrada pelo crítico cearense como exemplar da fúria de Raul Pompéia quando buscava externar suas convicções acerca da política brasileira do tempo: “Lembro-me de uma dessas caricaturas, um tanto simbólico, e que chegou a ser litografada. Representava o Brasil crucificado entre dois ladrões - o câmbio e o comércio”<sup>6</sup>.

A conjuntura em que se dá a publicação de *O Ateneu* pode-nos revelar, contudo, algumas pistas no sentido de interpretá-lo, diferentemente da análise psicologizante e estilística de Araripe Jr. (5), como uma obra de crítica social e política dos valores de seu tempo. Do ponto de vista político, o ano de publicação de *O Ateneu*, 1888, é extremamente significativo para os rumos do Segundo Reinado. A abolição da escravidão foi passo decisivo na consolidação de novas forças no cenário político nacional.

---

<sup>4</sup> Segundo Araripe Jr., o processo de construção de sua escrita sofreu influências de Pierson, autor de *A Métrica Natural da Linguagem*.

<sup>5</sup> ARARIPE JR., T.A. *Op. cit.*, p. 213.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 216

Do ponto de vista intelectual, por seu turno, a conjuntura de 1888 é marcada pela ascensão de correntes de pensamento oriundos da Europa, que terão como sempre teve, aliás, uma forte acolhida e influência por parte dos *homens de letras* do Brasil. As correntes do Naturalismo e Realismo, no campo literário, estão em voga. Já na década de 1870 do século 19, os efeitos dessas correntes são percebidas por aqui. O português Eça de Queiroz causa impacto com seus romances realistas *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *O Primo Basílio* (1878), cujas influências serão percebidas em Aluísio de Azevedo em *O Mulato* e Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ambos de 1881 e considerados marcos iniciais da literatura realista no Brasil.

O Naturalismo, por seu turno, corrente literária fundada pelo escritor francês Émile Zola, cujos fundamentos estão já em 1877 em seu *L'assommoir*, mas que serão mais bem explicitados na obra *O Romance Experimental*, de 1880, fará seus seguidores no Brasil, sobretudo em Júlio Ribeiro com seu romance *A Carne* (1888) e em *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, considerada obra fundamental do Naturalismo brasileiro.

Do ponto de vista político, o Brasil das três últimas décadas do século 19 passava por profundas transformações que concatenadas com a economia e sociedade culminaram com o golpe civil-militar de 15 de novembro de 1889 que derrubou a monarquia: a emergência de novos grupos sociais guindados ao centro do jogo político como o Exército e os cafeicultores de São Paulo, as condições de urbanização melhoradas pelo ritmo da economia agro-exportadora favorável, a intensificação da propaganda em favor da abolição da escravidão e da república que ganhou adeptos e organização nos centros urbanos, as ideias de “progresso” e “civilização” propagadas pela elite intelectual que passa a questionar o modelo de regime político, a incapacidade da elite monárquica em promover uma ampla reforma política no país.

Todo esse quadro histórico-literário, rapidamente alinhavado acima, repercutiu em *O Ateneu*. Considerando, por outro lado, o envolvimento de Raul Pompéia, desde os tempos de acadêmico de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo, nos grandes embates políticos de seu tempo, pensamos que, todos esses fatos aliados, nos permite outra leitura de *O Ateneu*.

A proposta de uma leitura política de *O Ateneu*, não implica, obviamente, em desacreditar e anular as outras leituras possíveis já realizadas. Vários aspectos de *O Ateneu* foram explorados, numa demonstração clara e evidente da

força intelectual desse romance e no talento de Raul Pompéia na construção dos personagens e na estruturação do enredo<sup>7</sup>.

Diversos temas podem ser explorados em *O Ateneu*: a experiência dos internatos, o homossexualismo, o amor na adolescência, os conflitos típicos de gerações.<sup>8</sup> Também é possível identificar as características do sistema educacional brasileira do final do século XIX, marcado pelo autoritarismo, pelo modelo rígido de escola, pela exagerada atenção na formação moral e cujo fundamento modelar consistia na grande influência do sistema educacional francês e numa maior importância às matérias de humanidades e literatura em detrimento das chamadas matérias científicas<sup>9</sup>.

Uma leitura atenta de *O Ateneu* também nos indica a formação cultural e intelectual de Raul Pompéia. Das citações, percebemos seu domínio em diversas línguas: francês, latim, inglês, grego, alemão, sobretudo os dois primeiros. Por outro lado, a recorrência a autores, artistas e obras nos dá a medida das fontes filosófico-literárias nas quais Pompéia mata sua sede de leitura. Dos muitos citados, podemos lembrar a *Bíblia* (referência constante), Balzac e sua *A Mulher de Trinta Anos*; Camões e *Os Lusíadas*; Dante e *A Divina Comédia*, além de recorrência à mitologia e à história da antiguidade clássica, entre outras referências. Constituem um painel de informações importantes, no sentido de melhor conhecer o autor de *O Ateneu*<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Segundo Roberto Ventura, Araripe Jr. ao voltar-se “para questões psicológicas e estilísticas” procurou compreender o “impacto do meio tropical na formação do indivíduo. Devido a este enfoque psicológico, os melhores ensaios de Araripe são os perfis de personalidades literárias, como Gregório de Matos, Dirceu, José de Alencar, Silvio Romero e Raul Pompéia”. In: *Estilo Tropical - História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.90.

<sup>8</sup> A título de ilustração para esse ponto destacamos o trabalho de Fernando de Figueiredo Balieiro “Literatura, Política e Darwinismo-Social: uma análise sociológica da trajetória contestadora de Raul Pompéia” in *Revista das Faculdades Integradas Claretianas*. São Paulo, Gráfica Avenida, 2011, pp.29-48.

<sup>9</sup> Leyla Perrone-Moisés em um texto em que estabelece comparações entre Raul Pompéia e o escritor francês Lautréamont, in: *O Ateneu: Retórica e Paixão*, org. PERRONE-MOISÉS, L., São Paulo, Brasiliense, EDUSP, 1988.

<sup>10</sup> Laura Hosiasson desenvolve essa questão de *O Ateneu* como espelho do modelo educacional de sua época em seu texto “Disciplinas e Indisciplinas no Ateneu”, inserido em *O Ateneu: Retórica e Paixão*, obra citada.

O livro está estruturado em doze capítulos, sendo indicados apenas a numeração das seções, não acompanhadas de títulos<sup>11</sup>. O capítulo I enfoca as impressões do personagem-narrador Sérgio, quando este, levado por seu pai, é levado para ser matriculado no Ateneu<sup>12</sup>. É o próprio Sérgio quem vai descrever suas impressões iniciais:

Ateneu era um grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, (...) o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais<sup>13</sup>.

O corpo discente do Ateneu é também revelador da importância que ganhara: [...] Aristarco interinamente satisfazia-se com a afluência dos estudantes ricos para seu instituto. De fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira.

A irradiação da reclame alongava de tal modo os tentáculos através do país que não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do Sul, que não reputasse um compromisso de hora com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do *Ateneu*<sup>14</sup>

Esse primeiro aspecto das impressões do personagem-narrador encontra um paralelo na vida de Raul Pompéia. Também ele teria sido matriculado num internato aos dez anos, permanecendo ali até aos dezesseis anos. Tratava-se do Colégio Abílio, cuja experiência teria servido de inspiração para Raul Pompéia construir o modelo de escola de fins do século 19.

Ainda no capítulo das impressões, Sérgio volta-se para o diretor do Ateneu, e o descreve, não só nesse capítulo, como de resto, ao longo de todo romance, magistralmente, exagerando, tal como numa caricatura, todas as qualidades e defeitos que nele o visse:

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida do Visconde de Ramos, enchia o Império com o seu renome de pedagogo<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> Douglas Tufano, em edição de *O Ateneu*, Ed. Moderna, 1983, pp.95-99.

<sup>12</sup> Todas as citações que de agora por diante faremos estão baseadas em edição preparada por Afrânio Coutinho, de 1981, *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 32-33.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 34-35.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 33.



Aqui, surge outro paralelo com a biografia de Raul Pompéia. Havia sido diretor do Colégio Abílio, o Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, “famoso educador da época”<sup>16</sup>.

Entre um ponto de contato e outro de sua própria experiência pessoal manifestada pela ação do personagem-narrador Sérgio, *O Ateneu* revela o extravasamento de Raul Pompéia em relação aos valores sociais do Brasil do Segundo Reinado: Ateneu/Colégio Abílio, Aristarco/Barão de Macaúbas são faces de um modelo educacional, social e político que, na análise de Pompéia, estão em decadência.

Daí a associação entre Ateneu e os membros da família real ser encontrada em muitas passagens. Ainda no capítulo I, a propósito de uma festa de encerramento do ano letivo no Ateneu, é possível ler a seguinte passagem:

Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o ministro do Império, a Comissão dos prêmios. (...) O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer em brutalidade de um contraste escandaloso<sup>17</sup>.

Em outro acontecimento festivo promovido pelo Ateneu, “a festa da educação física”, novamente entre os assistentes encontramos um membro da família real:

Algumas damas empunhavam binóculos. Na direção dos binóculos distinguia-se um movimento alvejante. Eram os rapazes. Ai vem! disse meu pai; vão desfilar por diante da princesa. A princesa imperial regente nessa época, achava-se à direita em gracioso palanque de sarrafos<sup>18</sup>.

Na mesma ocasião, após retumbante apresentação dos alunos do Ateneu, um fato narrado por Sérgio causa desconforto, protagonizado pelo filho de Aristarco:

Seu filho Jorge, na distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber a medalha. Era republicano o pirralho! tinha já aos quinze anos as convicções ossificadas na espinha inflexível do caráter! Ninguém mostrou perceber a bravura. Aristarco, porém, chamou o

---

<sup>16</sup> Laura Hosiasson: “Abílio César Borges publicou em 1884 uma obra intitulada *Vinte Dous Anos de Propaganda* em prol da elevação dos estudos no Brasil e nela apareciam vários de seus discursos, cartas a jornais, junto com os estatutos educacionais do seu colégio”. in obra citada, p.70.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 36.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 40.

menino à parte. Encarou-o silenciosamente e - nada mais. E ninguém mais viu o republicano! Consumira-se naturalmente o infeliz, cremado ao fogo daquele olhar! Nesse momento, as bandas tocavam o hino da monarquia jurada, última verba do programa <sup>19</sup>.

Aos poucos, o autor vai afastando-se das possíveis experiências individuais que o teriam inspirado na criação de personagens e enredo, passando a situar o desenvolvimento da trama no processo de luta histórica vivido pelo país na época da publicação do romance. Os embates entre monarquistas e republicanos, nos quais tomou parte Raul Pompéia, são os panos de fundo onde se movimentam os personagens.

No capítulo II, o objeto de impressões e observações por parte de Sérgio é o Ateneu, o internato-escola e dos companheiros de classe. Sobre esses, tal como afirma Mário de Andrade, Raul Pompéia será impiedoso na descrição cruel de suas características<sup>20</sup>.

Entretanto, é em relação ao Ateneu que surge aí a possibilidade da comparação com a sociedade do Segundo Reinado. O Ateneu era um “*mundo de brutalidade*”, uma sociedade de horrores, “*um exemplar perfeito de depravação oferecido ao horror santo dos puros*” <sup>21</sup>. O responsável pelo governo desse “*mundo*” (O Ateneu) é uma amálgama de “*especulador e levita, do educador e do empresário*”, numa combinação perfeita, os “*dois lados da mesma medalha, opostos, mas justapostos*”<sup>22</sup>.

A insistência em apresentar Aristarco como um *negociante* é proposital. Está perfeitamente em consonância com a análise de Raul Pompéia, segundo a qual, a sociedade brasileira encontrava-se à mercê de interesses dos mais espúrios agiotas, sobretudo portugueses e ingleses, que não tinham outro interesse, senão de enriquecer a custa do povo brasileiro.

Daí que, Raul Pompéia manifestava pela imprensa da época, a necessidade da república e com ela a urgência da “*nacionalização do comércio*”, a fim de expulsar do país aqueles que “*consumiam o organismo produtivo da nação*”. A

---

<sup>19</sup> *idem*, p. 43

<sup>20</sup> ANDRADE, Mário de – “O Ateneu”, in *Aspectos da Literatura Brasileira*, São Paulo, s.d.p.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 67-68

<sup>22</sup> *Idem*, p. 53

simetria entre a Monarquia conduzida por um descendente português e o Ateneu “mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomençar com artigos de última remessa”<sup>23</sup>, nos parece bastante perceptível. Afinal, o Ateneu/a Monarquia, não passava de um grande “biombo vistoso de anúncios”<sup>24</sup>.

Nesse universo, ao contrário da pregação de Aristarco, para quem o pior inimigo era a “imoralidade” - “No Ateneu, a imoralidade não existe. (...) O Ateneu é um colégio moralizado...”<sup>25</sup> -, peregrinam personagens marcados pela corrupção e perversão. Essa é a opinião de Rabelo, companheiro de classe de Sérgio, ao comentar dos colegas de internato: “Uma cáfila! Uma corja! (...) Uns perversos! Têm mais pecados na consciência que um confessor no ouvido. (...) Sócios da bandalheira! Cheiram a corrupção, empestam de longe. Corja de hipócritas! Imorais!”<sup>26</sup> O “edifício de moralização do Ateneu”, não passa de um “exemplar perfeito de depravação”<sup>27</sup>.

Após os primeiros rituais de iniciação, Sérgio, já devidamente conhecedor do mundo e dos personagens que nele vivem, deixa sacudir “fora a tranca dos ideais ingênuos”<sup>28</sup>. Conduzido pelo colega Sanches, com quem manterá uma dúbida relação de amor e ódio, mergulha nas disciplinas curriculares e seus respectivos conteúdos. No capítulo, Sérgio revela-nos, de alguma forma, o modelo de educação escolar dos fins do século XIX no Brasil. O currículo escolar é constituído pela geografia, gramática, a história pátria, a história santa e matemática. Ao apresentar os conteúdos que constituíam a matéria da história pátria, Sérgio e Raul Pompéia misturam-se novamente em um só personagem. Para Sérgio, a história do Brasil

até as eras da Independência, [era] evocação complicada de sarrafos comemorativos das alvoradas do Rocio e de anseios de patriotismo infantil; um prin-

---

<sup>23</sup> *Idem*, p. 32-33

<sup>24</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 56

<sup>26</sup> *Idem*, p. 62

<sup>27</sup> *Idem*, p. 67

<sup>28</sup> *Idem*, p. 77

cipe fundido, cavalgando uma data, mostrando no lenço aos povos a legenda oficial do Ipiranga”<sup>29</sup>.

A passagem faz referência a Pedro I e ao Grito do Ipiranga, cujo significado para Raul Pompéia não passava de uma *falsa independência*, pois que a verdadeira independência ainda haveria de vir, feita por brasileiros inspirados no exemplo de Tiradentes. É o próprio Sérgio quem sublinha a tese:

mais abaixo, pontuadas pelas salvas do Santo Antonio, as aclamações de um povo mesclado que deixou morrer Tiradentes para esbofar-se em vivas ao ramo de café da Domitila <sup>30</sup>.

Não ficava aí somente a forte impressão causada ao estudante Sérgio das lições de história de Tiradentes:

vi passar o herói mineiro, calmo, mãos atadas como Cristo, barba abundante de apóstolo das gentes, um toque de Sol na fronte, lisa e vasta escavada pelo destino para receber a corsa do martírio <sup>31</sup>.

As evidências nessa passagem aproximam ainda mais *O Ateneu* de uma leitura política. Enquanto o personagem principal impressiona-se com Tiradentes, o autor parece procurar, em uma visão própria da história do país, estabelecer marcos, recortes e personagens-heróis com os quais os brasileiros deveriam se identificar. É exemplo dessa postura, o texto intitulado “Ipiranga”, publicado na *Gazeta de Notícias* de 1882, onde Raul Pompéia refere-se a Pedro I como “alguém que roubou dos brasileiros o direito de fazer a independência de seu próprio país” <sup>32</sup>.

O desencantamento do personagem com o mundo do Ateneu, aos poucos se manifesta mais abertamente. O sentimento de impotência diante de um mundo marcado pela opressão leva Sérgio a admitir ter “*perdido o ideal cenográfico de trabalho e fraternidade, que eu quisera que fosse a escola*”<sup>33</sup>. Essa manifestação de “entrega” fica clara quando Sérgio apresenta “*a mais terrível das instituições*

---

<sup>29</sup> *Idem*, p. 80

<sup>30</sup> *Idem*, p. 80.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 81

<sup>32</sup> *Obras de Raul Pompéia*, org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, OLAC/Civilização Brasileira, 1982. Volume V, p. 45-47.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 94

do Ateneu”<sup>34</sup>, ou seja, o capítulo das penas e do código disciplinar do internato. As humilhações, injúrias, escárnios e difamações eram os instrumentos comuns, na aplicação da justiça imposta pelo diretor e professores.

A habilidade de Raul Pompéia ao construir, com detalhes, esse sistema disciplinar do Ateneu, faz emergir do interior dos muros do internato, o mesmo “*sistema de pelourinho*”<sup>35</sup>, ao qual estava submetido à sociedade escravista da segunda metade do século 19. É o próprio Sérgio quem reconhece que a pesada “*atmosfera do Ateneu*”, caracterizada por “*toda perseguição de castigos*”<sup>36</sup> que o levará ao “*amolecimento*”.

Quando aluno do Colégio Pedro II, Raul Pompéia participou da fundação de um grêmio estudantil, exercitando suas inclinações literárias na revista do próprio grêmio. Este acontecimento é explorado por Raul Pompéia, quando, no capítulo VI, dá conta da organização de uma instituição, o “Grêmio Literário Amor ao Saber”, que reunia em torno de si “*os amigos das letras*” e reunia-se “*duas vezes ao mês*”<sup>37</sup>. A presidência de honra cabia a Aristarco e ao Dr. Cláudio, professor do Ateneu, cabia a presidência efetiva.

Por intermédio do Dr. Cláudio, entramos em contato com a concepção de arte e literatura de Raul Pompéia. Na festa inaugural, ocasião solene de posse do grêmio, Dr. Cláudio pronuncia uma palestra sobre a literatura brasileira, dando um panorama geral desde Gregório de Matos até José de Alencar, passando por Antonio Caldas, Santa Rita Durão, os escritores de Minas, Gonçalves Dias, entre outros.<sup>38</sup>

Mais adiante, e continuando sua análise sobre a literatura brasileira, o Dr. Cláudio vai criar polêmica com a platéia quando passa a “estudar a atualidade”. Nesse momento, é possível, mais uma vez, ler a visão crítica da monarquia, exposta a uma interpretação feroz e impiedosa. Nesta oportunidade, o personagem que fala por Raul Pompéia, não é Sérgio, mas o Dr. Cláudio: “*A arte significa a*

---

<sup>34</sup> *Idem*, p. 95

<sup>35</sup> *Idem*, p. 97

<sup>36</sup> *Idem*, p. 117

<sup>37</sup> *Idem*, p. 141

<sup>38</sup> *Idem*, p. 151

*alegria do movimento, ou um grito de suprema dor nas sociedades que sofrem [...] E não é o teto de brasa dos estios tropicais que nos oprime. Ah! Como é profundo o céu do nosso clima material!*". E conclui seu aforisma:

O pântano das almas é a fábrica imensa de um grande empresário, organização de artifício, tão longamente elaborada, que dir-se-ia o empenho madreporico de muitos séculos, (...) É obra moralizadora de um reinado longo, é o transvasamento de um caráter, alagando a perder de vista a superfície moral de um império - o desmando nauseabundo, esplanado, da tirania mole de um tirano de sebo!<sup>39</sup>...

A sociedade de especuladores na qual havia se tornado o Brasil do Segundo Reinado, segundo Raul Pompéia, era causa suprema de nossa “*enfermidade*” e “*tédio corruptor*”. Em seus textos políticos, Pompéia atribui aos portugueses e ingleses as raízes de nosso atraso econômico, evidenciado no monopólio do comércio local e na interferência constante desses países em assuntos internos, sobre os quais, segundo Pompéia, somente os brasileiros tinham direito de se manifestar.

Pois as questões da exploração do Brasil pelas potências estrangeiras e da “*sociedade especuladora*”, também apareceram em *O Ateneu*, ainda que de modo não explícito. É o que vai-nos revelar Sérgio, apontando para o tédio, no capítulo VII, “*a grande enfermidade da escola*”<sup>40</sup>. Para fugir do tédio, os alunos lançam mão de variados expedientes até chegarem aos “*jogos de parada*”. Tratava-se de brincadeiras nas quais os alunos promoviam trocas de objetos, tendo como moeda de troca “*os selos postais, os cigarros, o próprio dinheiro*”<sup>41</sup>.

A descrição de Sérgio acerca da movimentação dos “*agentes de especulação*”, no “*movimento das bolsas*” do *Ateneu*, ganha contornos reais. Senão, vejamos algumas passagens: “*As especulações moviam-se como o bem conhecido ofício das corretagens. Havia capitalistas e usurários, finórios e papalvos*”<sup>42</sup>. Ou então essa:

No comércio do selo é que fervia a agitação de empório, contratos de cobiça, de agiotagem, de esperteza, de esperteza, de fraude. Acumulavam-se valores, circulavam, frutificavam; conspiravam os sindicatos, arfava o fluxo, o refluxo

---

<sup>39</sup> *Idem*, p. 152

<sup>40</sup> *Idem*, p. 167

<sup>41</sup> *Idem*, p. 168

<sup>42</sup> *Idem*, p. 168

das altas e das depreciações. Os inexperitos arruinavam-se, e havia banqueiros atilados espanando banhas de prosperidade <sup>43</sup>.

Nas observações de Sérgio/Raul Pompéia, não faltaria, nesse “*microcosmo de atividade subterrânea*”, uma referência à Inglaterra, já que se trata de uma crítica a exploração estrangeira:

a Grã-Bretanha braços abertos sobre as colônias, sobre o mundo; à direita, a América, a propaganda civilizadora, a conquista da savana; à esquerda, o domínio das Índias, coolies sob fardos, dorsos de elefantes subjugados <sup>44</sup>.

Desse ponto até o definitivo incêndio que levaria à ruína o internato dirigido por Aristarco, Raul Pompéia / Sérgio conduz uma narrativa repleta de referências ao contexto histórico do período. Fortes evidências atestam essa afirmação; se não vejamos: “*marcado com um número, escravo dos limites da casa e do despotismo da administração*” <sup>45</sup>; “*anchos de militarismo*” <sup>46</sup>; “*apoiadas às nacionalíssimas bananas, como um traço de nativismo*” <sup>47</sup>; “*viveis de plantão na palmeira da literatura indígena, sem que vos galardoe uma verba da secretaria do império*” <sup>48</sup>; “*anistia dos revolucionários [...] perturbações da ordem*” <sup>49</sup>; “*propaganda a favor da imigração*” <sup>50</sup>; “*desesperos da escravidão colonial*” <sup>51</sup>; “*Só pesando as armas imperiais*” <sup>52</sup>.

## Considerações finais

No microcosmo do Ateneu vivem não só personagens fictícios, mas, talvez, personagens reais, que estão em constante luta, envolvidos pelas grandes

---

<sup>43</sup> *Idem*, p. 169

<sup>44</sup> *Idem*, p. 169

<sup>45</sup> *Idem*, p. 190.

<sup>46</sup> *Idem*, p.190.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 195.

<sup>48</sup> *Idem*, p.196.

<sup>49</sup> *Idem*, p.209

<sup>50</sup> *Idem*, p. 213

<sup>51</sup> *Idem*, p. 214

<sup>52</sup> *Idem*, p. 219

questões e temas do final do século XIX. Daí a permanente referência no texto de Raul Pompéia a membros da família imperial, a escravidão, a imigração, aos republicanos. E ao estabelecer uma espécie de diálogo entre ficção-realidade, internato-sociedade, *O Ateneu* nos remete a uma compreensão do pensamento político de seu autor. Afinal, tal como afirma Raul Pompéia, “não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora”.

Na perspectiva da leitura política de *O Ateneu*, acreditamos ter alcançado outra visão ou campo de observação que o romance oferece. Como já foi ressaltada, tanto a observação psicológica, brilhantemente explorada por Araripe Jr., como a análise que se presta a identificar os detalhes autobiográficos da obra, também constituem em interpretações válidas. Nossa tentativa em ver *n’O Ateneu* um campo possível do conhecimento dos aspectos sociais e políticos do país no final do século XIX, objetiva somente em contribuir para uma melhor compreensão do pensamento e da obra de Raul Pompéia.